

5ª Conferência

Alienação e libertação da Bíblia (2)

“Conseqüências sociais de religião e teologia” assim intitulei este ciclo de conferências. Entrementes, por certo, vocês descobriram meu truque, a saber, que eu tenho falado de uma única conseqüência social, ou seja a atuação da religião sobre a mentalidade dos seres humanos. “Porque somos tão pouco capacitados para a ação?” Foi esta a pergunta que nos colocamos no início de nossas conferências. “Como foi possível que um povo inteligente e aplicado como é o alemão pôde suportar um criminoso doentio como seu dirigente ou “Führer”, o qual então causou a morte de 50 milhões de pessoas, transformou povos, nações inteiras em campos de ruínas, pisoteou o direito em nosso próprio país e o direito dos seres humanos?” Aquele teólogo americano que eu citei na primeira conferência, havia dito: “O luteranismo alemão tornou vocês capazes para sofrer, mas não capazes para agir.” Nós perseguimos sua opinião e descobrimos que ela era corroborada pelos fatos em pontos importantes.

Isso, porém, significa: deparamo-nos com o fato de que através de nossa tradição religiosa foi paralizada, em sentido político, a **força mais importante do âmbito social**, ou seja, o espírito do ser humano. É bem verdade que a minha tese é a seguinte: a força mais importante no campo social é o próprio ser humano, sua razão, sua iniciativa, sua capacidade para a coordenação. Quando estas estão paralizadas, praticamente não há mais esperanças de se poder organizar o mundo de modo mais ou menos razoável. Quem o faria, senão os próprios seres humanos? Deus não nos tira aquela tarefa que nós mesmos podemos fazer. Isso, apesar de algumas orações nos nossos manuais de culto, nas quais é indicado que Deus estaria dirigindo os povos. Ele não varre a nossa sala, ele não governa os nossos países, ele não coloca em ordem o nosso sistema econômico. “Todo o mundo confiaste a nós” assim consta em um novo hino evangélico. Muito depende, porém, de quem é este “nós”.

Nós, como pastores e professores cooperamos na formação da mentalidade dos seres humanos. É verdade que eles não estão simplesmente submetidos a nós, porque eles mesmos pensam; contudo, nós podemos tornar a tarefa mais fácil ou mais difícil de

eles se tornarem capazes para a ação na configuração da sociedade.

Também vimos que foi um erro de Lutero negar ao evangelho uma participação na configuração de nosso mundo. Muito mais grave ainda, porém, foi o fato de que a própria Bíblia foi alienada em pontos importantes, de modo que foi dito ao ser humano que a sua tarefa de organizar a sociedade não era uma tarefa bíblica. Enumeremos mais uma vez as heresias com as quais já nos defrontamos:

1ª heresia: "O mundo é imutável. A história termina com o fim do mundo; ela não tem um alvo em direção ao qual nós pudéssemos trabalhar. Nosso alvo se encontra no além, no qual nós entramos como indivíduos."

Resposta: A Bíblia afirma o contrário. Alvo da história é o reino de paz e de justiça. Nós oramos por sua vinda e vivemos em favor disso.

2ª heresia: "A igreja tem que permanecer fora das controvérsias políticas. Ela não deve assumir partido, mas deve estar aí para todos".

Resposta: Isto é parcialmente verdade, portanto mais perigoso ainda do que errado. Naturalmente a igreja deve estar aí para todos, mas não para todos do mesmo modo. Ela deve ir contra os opressores, a fim de que não continuem no seu pecado de opressão. Ela deve estar do lado dos oprimidos em sua luta por uma vida mais humana. É a Bíblia que nos ensina a assumir partido desta forma.

3ª heresia: "O pecado só existe no indivíduo; ele tem que se converter. Nas estruturas do Estado e da economia não pode haver pecado".

Resposta: A Bíblia nos mostra que o pecado é tanto individual quanto supra-individual. Ele pode dominar todo um éone. Nós devemos combater o pecado, onde o reconhecemos, também em más leis e em sistemas econômicos.

Até aqui havíamos chegado, mesmo que algumas coisas tenham sido abordadas de maneira bastante sucinta.

Hoje eu gostaria de falar sobre alguns pontos que afetam diretamente a **imagem do ser humano**. Selecciono aqueles que me parecem especialmente importantes para a proclamação e para o ministério e aí justamente aqueles pontos que, no momento atual, também me chamam mais a atenção. Só pouco a pouco, passo a passo vemos, como em toda a parte, foi introduzido na nossa compreensão bíblica um espírito que não provém de Jesus. E assim, eu me confrontei certo dia com o problema da **educação cristã para a obediência**.

Culpado foi o apóstolo Paulo. Nele a palavra "obediência" desempenha um papel bastante importante. Ele pode empregá-la praticamente como sinônimo de "fé". Mas repentinamente se me abriram os olhos para a espécie peculiar de obediência que ele proclama. E eu comecei a fazer comparações.

Também em nossa tradição religiosa tem se falado muito de obediência e esse falar influenciou justamente a nossa vida cotidiana de um modo particularmente forte. Por exemplo, há entre nós um provérbio que ainda não está morto: "Quem não sabe obedecer também não sabe dar ordens". Sim, mas seria isso um objetivo: aprender a dar ordens?

Foi precisamente isso que me chamou a atenção em Paulo: ele não dá ordens. Ou, se ele dá uma ordem, ou melhor, recomenda algo, então é precisamente a liberdade, a coragem para o juízo próprio. Alguns exemplos: Aí surgem alguns profetas na comunidade de Tessalônica; falam em espírito e todos têm muito respeito diante deles. Paulo escreve: "Não abafeis o espírito dos profetas; contudo examinaí tudo o que dizem e retende apenas o que é bom". (1 Ts 5,19-21). E Quem diz o que é bom? A própria comunidade. Será que isto é obediência? — Ou: Paulo escreve aos filipenses. Ele está preso e conta com a sua morte. Será que ele transmite nesta situação à comunidade, por assim dizer, um testamento, um catálogo de prescrições de como se deve comportar corretamente, do ponto de vista cristão? De modo algum. Aí consta: "Esta é a minha oração, que o amor de vocês se torne cada vez mais rico, no conhecimento, na experiência, de modo que possam examinar o que é o melhor". (Fp 1,9). É bom que verifiquemos que se trata de uma comunidade da primeira geração; as pessoas mal e mal se tornaram cristãs e Paulo já lhes confia a tarefa de através de sua experiência, nós diríamos, provavelmente, através de *trial and terror*, descobrir o que seja o melhor. Também ali onde Paulo não conta com sua morte para em breve, ele escreve no mesmo sentido. Não se trata, portanto, de uma informação de emergência, porque não haveria mais tempo para dar prescrições mais detalhadas. A Corinto ele escreve: "Nós não somos senhores sobre a fé de vocês, mas ajudantes de vossa alegria." Também para si mesmo ele não quer que alguém dê ordens. Ele escreve: "Por que haveria de deixar que a minha liberdade fosse julgada pela consciência de alguém outro?" E, a palavra mais extrema para nós: "Tudo é permitido, mas nem tudo é de proveito. Tudo é permitido, mas nem tudo constrói." O que, porém, é de proveito e constrói, isto Paulo não pode dizer para outros, muito menos predizer para todas as épocas. Isso os próprios cristãos devem encontrar, através do exame de sua realidade.

Nem sempre Paulo atinge o seu próprio nível. De vez em quando ele de fato dá ordens e, logo, as coisas começam a se sair

mal. Por exemplo, ele decide de um modo bastante apodírito em questões da situação das mulheres e da sexualidade. Em ambos os casos ele parece não haver se aprofundado muito na questão. Hoje, finalmente, até mesmo igrejas conservadoras começam a não mais obedecer-lhe nesses dois pontos, ordenando, por exemplo, mulheres e concordando, sob determinadas condições, com o divórcio. Finalmente, mas bastante tarde, estas igrejas ousam fazer aquilo que Paulo sempre havia recomendado, a saber, tomar decisões que sejam independentes da consciência do próprio Paulo.

De um modo geral vale que para Paulo obediência significa ter a coragem para a liberdade, examinar-se a si mesmo e a situação para, então, fazer o melhor, sem temor e sem lei.

É este também o conceito de obediência de nossa tradição religiosa? Eu queria saber a resposta para esta pergunta, mas não de livros, porém das conseqüências que nossa educação para a obediência provocaram em "baixo", a saber, na base da comunidade. Já que não são muitos os cristãos que conhecem realmente as cartas do apóstolo Paulo, escolhi um exemplo mais simples, o 4º mandamento. A primeira verificação fiz em uma classe formada de jovens simpáticas de 18 anos de idade. Certa manhã, quando estávamos em verdade abordando um outro tema, imprevisivelmente eu lhes disse que estava necessitando, para uma pesquisa, de uma pequena manifestação escrita delas, não como um teste para elas, de modo que não precisariam colocar o seu nome sobre a folha. Disse-lhes que gostaria que em cerca de dez minutos elas comentassem uma frase que eu iria ditar. Já que eram realmente simpáticas, concordaram. E, ditei: "Honrarás o teu pai e a tua mãe para que prospere e vivas por longo tempo sobre a terra". Houve surpresa, surgindo então a pergunta, se realmente se poderia escrever aquilo que se pensava. Finalmente, escreveram. Eis alguns dos resultados: "Este mandamento espera que os filhos aceitem de seus pais, sem qualquer crítica, aquilo que estes julgam ser bom. Caso levássemos esta exigência a sério, qualquer progresso continuado seria impossível... em todo o caso creio ser conservador e errado prender os jovens simplesmente ao pensamento de seus ancestrais...". "Se os pais não dão aos filhos qualquer possibilidade para uma tomada de posição crítica e, simplesmente, esperam que obedeçam aos pais, penso que tal atitude é presunção e pouco inteligente. O mandamento pode ajudar a fortalecer a posição dos pais que são tão pouco inteligentes." "A gente se lembra do Terceiro Reich, onde o Führer sempre tinha razão. Segundo este mandamento parece que assim também deveria ser na família... Não posso crer que este mandamento provenha de Deus." Limitação da iniciativa, estreitamento da liberdade de jovens. Uma única folha apresentou algo

positivo em relação à frase ditada: "As crianças só podem passar bem se têm ajuda dos pais, pois dependem dos pais (negócios, finanças); se a gente não os honra então podem tirar a sua mão protetora e a criança tem que se virar sozinha...". Quer dizer, agora o mandamento virou uma espécie de "jeitinho": Deus é o aliado do jovem ameaçado e lhe dá o conselho de ser esperto em relação a seus pais.

Em reuniões de comunidade eu fiz experiências menos interessantes. Um pai disse: "Meu filho pensa como eu e, se pensa diferente, cala a boca."

É esse o modo de se educar seres humanos para que tenham a coragem e a liberdade e opinem autonomamente como Paulo o quer?

Certamente há maneiras mais cordiais de se interpretar o mandamento que fala dos pais. A gente não precisa fazer formulações tão rudes como aquele pai, tão agressivas como aquelas jovens simpáticas que há pouco citei. Mas uma coisa é certa: Em toda a nossa igreja o mandamento é entendido assim que os jovens devem se submeter aos mais velhos. É verdade que é sempre mais difícil de se fazer imposições, pois o jovens, cada vez mais cedo, querem determinar seu destino (pelo menos na Alemanha); e, justamente isso, é considerado um afastamento do comportamento cristão.

Se isso fosse certo então o cristianismo, neste ponto, não estaria aparentado com a filosofia estoíca, mas sim com a religião de Confúcio, da antiga China. Confúcio tinha ensinado que a vontade do céu era de que alguns fossem pais e outros fossem filhos e que o filho sempre deveria obedecer ao pai. Inclusive o agricultor sexagenário não podia mudar nada em sua terra, caso seu nonagenário pai não estivesse de acordo. E, após a morte do pai, o filho ainda devia fazer como o pai, em vida, havia feito, por um período de três anos e dez dias. Tudo o mais seria pecado contra a piedade, piedade que era devida ao pai como pai.

Bem, reconheço que tão longe nem as pessoas mais conservadoras poderiam chegar; mas não há uma diferença fundamental. Nós só colocamos o limite de idade para a obediência mais baixo. Frequentemente se ouve: "Enquanto comeres do meu pão, fores financeiramente dependente de mim, deves te sujeitar". Isso abrange na Alemanha frequentemente também a época de estudos do estudante universitário. Ultimamente até a vida de jovens professores, com formação concluída, vem sendo atingida, pois não conseguem local de trabalho e também não podem conseguir auxílio-desemprego, pois ainda não trabalharam.

Segundo a compreensão cristã comum, a infância e a juventude devem ser cunhadas pela **obediência**.

É esse o sentido do 4º mandamento?

O Evangelho de Marcos relata uma cena na qual Jesus comenta este mandamento. No 7º capítulo ele fala a respeito de pessoas que o transgridem. Trata-se de pessoas que fizeram uma doação ao templo e que, posteriormente, dizem a seus pais e dependentes: "Infelizmente não posso dar mais nada a vocês. **Corbã**, foi dado a Deus o que deveria ser dado a vocês." E Jesus diz a seus ouvintes: "Assim vocês obedecem a prescrições eclesíásticas, mas transgridem o mandamento de Deus."

Ouçamos bem: A quem é direcionado aqui o mandamento de Deus? Quem deve honrar os pais? Evidentemente não pessoas jovens que ainda são dependentes. O apelo agora, ao contrário, se dirige ao **filho adulto** que assumiu a terra ou o negócio e administra o dinheiro da família. Ele deve providenciar para que os pais não passem necessidade e cuidar para que não somente sobrevivam, mas também possam viver **dignamente**.

Ruth, a moabita do AT, faz isso. Ela não abandona sua sogra Noemi, viúva como ela, mas vai com ela a Israel — à terra da qual a mulher mais velha há anos havia saído, mas que a mais jovem desconhece. Ambas não sabem o que lá vão encontrar. Sabem, apenas, que não vai ser fácil. A terra de Noemi, a terra que ela lá ainda possui, não é terra cultivada. Então a jovem mulher sai a colher espigas para alimentar a ambas. Ruth não sabia de antemão que fazendo isso iria encontrar um jeito para vir a se tornar a mulher de um rico agricultor.

Se a gente observar o 4º mandamento com os olhos de Jesus, em Mc 7, ou com os olhos da moabita Ruth, então ele obtém um bem outro sentido. Ele não se dirige àqueles que ainda estão dependentes e que ainda não podem cuidar de si mesmos, exigindo deles a submissão. Na linguagem de nossa conferência, o mandamento não se dirige aos que estão em "baixo". O seu apelo se dirige aos fortes, à geração que agora está na vez. Assume o partido daqueles que em virtude de sua avançada idade se tornaram outra vez dependentes. Devem ser honrados **porque** são fracos.

Naturalmente, há também na Bíblia, passagens que falam da submissão das **crianças**. De modo característico estas passagens pertencem às tradições posteriores do Antigo e Novo Testamento (provérbios sapienciais, regras de conduta). Nestas camadas encontramos, em menor ou maior quantidade, tradições provenientes do âmbito não bíblico. Por detrás se encontram relações estabilizadas de propriedade que parecem espelhar a estabilidade da ordem

natural. O desejo de manter uma ordem estável faz com que pareça ser recomendável um modo de educação pelo qual a jovem geração é trabalhada durante tanto tempo até que pense e faça o mesmo que a adulta. A gente se recorda de Goethe, onde se pode ler que a educação tem a finalidade de fazer com que continue acontecendo o que até aqui aconteceu. Contudo, isso de fato não encontramos na Bíblia.

Devemos aprender a examinar as afirmações bíblicas e a observar se elas estão a serviço da **independência ou da dependência do ser humano**. O que já dissemos a respeito de Paulo, que ele de certo modo nem sempre atingia o seu próprio nível, isso, ao que tudo indica, vale também para a Bíblia como um todo. Ela necessita de interpretação e a interpretação necessita de critérios. Lutero já fez algo semelhante, antes de nós, quando distinguiu entre livros bíblicos que proclamam a Cristo clara e nitidamente, e, outros que não o fazem, como a epístola de Tiago que ele designou de "epístola de palha". Lutero foi também aquele que nos admoestou a não fazermos da Bíblia um "papa de papel". Também isso é, pois, algo do qual nós temos que libertar a Bíblia: o preconceito de que ela sempre tenha razão. Não caíram tábuas de ouro do céu, como os mórmons falam de seu livro santo. Ao contrário, aqui falam seres humanos vivos, impulsionados por Jesus, modificados pelo encontro com a cruz, mas não livres de erro. Nada nos restará a não ser aquilo que restou aos tessalonicenses: examinar autonomamente o que seja bom. Eles, os tessalonicenses, nos seus profetas, nós em nossos evangelistas, no próprio Paulo e nos outros autores do Novo Testamento. Espera-se de nós muito mais do que geralmente pensamos.

Num ponto central podemos manter o que a nossa tradição nos ensinou, qual seja, que o mais importante no ser cristão é a fé. O que precisamos aprender renovadamente, porém, é que fé não é um acreditar. Isto vale não somente em relação à historicidade dos acontecimentos bíblicos, mas muito mais ainda no sentido de que não devemos acatar a imagem tradicional do ser humano. Fé não é simplesmente o aceitar e repetir alguma coisa, mas a **partida para o futuro de Deus**. Nossa tradição sabe-o bem. Ela nos lembra Abraão que saiu de sua pátria, de suas relações de amizade; nos lembra os discípulos que abandonaram a seu pai, redes e barco. Nossa tradição não nos oculta o fato de que reinvidicação da família de Jesus ficou de lado, quando ele abandonou sua cidade natal e quando sua mãe e seus irmãos o querem trazer de volta, ele não os seguiu (Mc 3). Nossa tradição faz com que leiamos todas estas belas passagens. Ali, por exemplo consta: "Quem ama a seu pai e a sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim", e: "Deixai que os mortos enterrem os seus mortos — também ao pai; vai tu, porém, e

proclama o reino de Deus''. Contudo, essa nossa cara tradição faz de conta como se aquilo que nós devêssemos honrar mais que o pai e mãe fosse precisamente ela, esta concepção específica de cristianismo. Ela se identifica a si mesma com Jesus.

Nas passagens citadas dos evangelhos constatamos, contudo, que aqui se fixou a experiência da antiga cristandade de que a decisão em favor de Jesus muitas vezes leva à separação de pai e mãe, e, sempre à separação da tradição herdada. Isso significa também: O crente de modo algum é conservador. O seguidor de Confúcio o é e a China permaneceu conservadora quase dois e meio milênios; imutável em sua essência até o movimento de Mao-Tse-Tung. A China permaneceu imutável com todo o seu sofrimento oculto (dos indivíduos, especialmente das mulheres) e com toda a sua miséria mais do que evidente, a miséria das massas. O cristão, em contraposição, a história da igreja o evidencia, tem a permissão de mudar. Todos os grandes cristãos foram inovadores, freqüentemente contra uma resistência amarga da família, igreja, estado; eles não podiam deixar o estado de coisas que haviam herdado dos pais, imutável. A fé, o amor o proibia. Já muito cedo movimentos cristãos como os menonitas, os quacres, penetraram no mundo da grande política, fazendo a exigência de não se tornarem mais soldados, fazer guerras, enquanto que a tradição das igrejas das quais provinham mandava abençoar as armas.

Temos aqui duas concepções de igreja, duas concepções a respeito do que a fé exige. Infelizmente é preciso dizer de todas as igrejas, da nossa bem em particular, que sua imagem do ser humano tem traços bem conservadores. A tradição parece ser santa. Que estranho! Não tinham precisamente os reformadores dito que ela não o era? Não era considerado católico colocar precisamente a tradição ao lado da escritura ou acima dela? Contudo, entre nós aconteceu exatamente o mesmo. Nós devemos pensar como os pais pensaram. A juventude deve orientar a sua maneira de pensar pela geração adulta. E isso numa época que nos coloca tarefas completamente novas, que deste modo jamais houve. P.ex., no setor da ética sexual, ou da política e da economia. Na educação religiosa de crianças são transmitidos, de um modo geral, modelos de pensamento e comportamento tradicionais. A única diferença é que a tradição desta vez não é colocada ao lado da escritura, mas penetra para dentro da própria escritura. Mudança de ênfases, seleção, aplicação de critérios interpretativos tradicionais – estes são os meios com os quais isto é possível.

Em realidade, porém, cada criança, cada nova geração representa aquela oportunidade de libertação de erros passados. Pois a criança não examina as coisas com o auxílio de uma vetusta tradição, mas com o auxílio da realidade com a qual é confrontada.

Dai vêm as perguntas desrespeitosas e refrescantes que só as crianças sabem formular e ante as quais os adultos não deveriam esboçar apenas um sorriso.

O Deus da Bíblia é da opinião que os adultos podem aprender de crianças. Aquele que substituiu o sacrifício de crianças por sacrifício de animais não quer que o eu das crianças seja sacrificado; a fim de que os adultos tenham a sua tranquilidade e a sociedade permaneça assim como está. É bem verdade que o destino inevitável das crianças é o de terem que se amoldar ao mundo de seus pais, para dentro do qual devem crescer. A questão, porém, é se a adaptação é o alvo final ou se a criança obtém, já precocemente o espaço vital necessário, se os adultos a auxiliam na obtenção deste espaço, para que ela possa vir a ser um ser humano com características próprias, diferentes daquelas que os pais haviam imaginado para ela.

Nesse caso, porém, não pode haver uma imagem cristã do ser humano. A expressão indica o que deve acontecer com o ser humano. Segundo a expressão, a pessoa deve ser formada de acordo com uma imagem preconcebida, se possível já nos dias da primeira infância. O objetivo seria adquirir certas "propriedades" inerentes ao cristão e desaprender outras qualidades. Quais seriam estas propriedades?

Comecemos outra vez em "baixo". Um grupo de confirmandos leu as bem-aventuranças em Mateus. Certa menina observou: "Aí se vê precisamente o que um cristão deve ser: manso, humilde, pacífico... Eu acho isso um pouco estranho, mas Jesus só pode usar gente assim. Afinal ele próprio se sujeitou a tudo...". Que barbaridade!

Freqüentemente tenho incumbido classes de alunos com a enumeração dos principais atributos de um cristão. Apresento o resultado em três rúbricas:

- 1º O cristão é aquele ser humano ao qual não são permitidas muitas coisas. (Exemplos: Sexo, negócios, vontade própria, crítica)
- 2º O cristão é, por princípio, um ser inofensivo. (Ele sempre tem que ser cordial)
- 3º Como compensação para muitas outras coisas, o cristão tem uma interioridade profunda, quem sabe uma predisposição especial.

Eu lhes pergunto: Não é de desesperar?

Essa é que é para ser a "nova criatura"? Onde estão todas aquelas capacidades que o criador deu a sua criatura e que Cristo libertou? Onde permanecem a criatividade, a fantasia, a iniciativa, a

capacidade crítica, onde permanecem a insistência teimosa e a firmeza, onde a alegria no conformar sociedade e ter responsabilidades? Nestas manifestações das crianças, não são aleijões espirituais que aparecem diante de nossos olhos, tão mansos, tão bobos que, realmente, qualquer Hitler pode fazer com eles o que bem entender? Qual é o jovem que estando em pleno gozo de suas faculdades mentais, tem o prazer de se tornar uma coisa dessas?

Há um remédio: A própria Bíblia lida contra a tendência de tal tradição. Observemos como as pessoas oram na Bíblia. Aí está Abraão, Gn 18, em sua oração em favor de Sodoma e Gomorra. Vocês se lembram: As cidades devem ser destruídas, Deus o declarou a Abraão, por serem más. Abraão preocupa-se com seu filho de criação, Ló, que ali vive e intercede por ele. "Tu não podes fazer isso", diz ele a Deus, "pois ali poderia haver justos, talvez 50, não podes deixá-los perecer. Afinal de contas tu és o juiz do mundo: tens que ser justo!" Poderíamos dizer que ele é bastante atrevido em seu modo de dizer a Deus o que este tem que fazer. Mas, ele se torna mais atrevido ainda. Quando Deus lhe promete salvar a cidade, caso encontrar nela 50 justos, Abraão começa a pechinchar. Em sua preocupação pela salvação de Ló começa a pechinchar e baixa de 50 para 10 justos.

Moisés tem um comportamento semelhante. Depois do caso com o bezerro de ouro, quando Deus quer destruir o povo e dar a Moisés um novo, Moisés responde: "Tu não podes fazer isso. Os egípcios vão dizer, ele queria levar Israel à terra prometida, mas não conseguiu. Por isso deixou que eles morressem no deserto. É esta a imagem que tu queres ter diante dos gentios?"

Amós mexe de outra maneira com a honra de Deus. Quando em uma de suas visões vocacionais lhe aparece uma horrível praga de gafanhotos, anunciando juízo sobre Israel, aí ele diz: "Ah, Senhor, não vês como este povo é fraco? Quem o fará levantar novamente?" Como se ele quisesse dizer: "Isso não é muito galante de tua parte. Queres mostrar tua força em relação ao fraco?" E, o que lemos como reação? "Então o Senhor se arrependeu disso. Não acontecerá, disse o Senhor." Deus pode ser abordado, o ser humano pode modificá-lo.

Onde ficam todos estes textos quando se fala da imagem cristã do ser humano, quando se fala de Deus? Por que não foram estas as imagens bíblicas a penetrar na nossa consciência? Por que não foram elas as que cunharam nossas expectativas? Não se trata de textos que caíam fora do contexto bíblico, como se só determinadas pessoas bem especiais pudessem falar assim com Deus. Qual é o ensinamento de Jesus?

Aí estão as duas parábolas do amigo que pede insistentemente e da viúva que pede insistentemente. Ambos os personagens das parábolas comportam-se descaradamente. Na parábola do amigo que pede insistentemente encontra-se inclusive a palavra que designa este descaramento. Eles pedem e insistem durante tanto tempo até que têm aquilo de que necessitam para a vida. A viúva vai tantas vezes à casa do juiz até que este diz: "Não temo nem a Deus, nem aos homens, mas tenho que atender esta mulher porque senão ela vai acabar me deixando maluco". E Jesus diz que é assim que devemos orar...

Não deveríamos assumir entre as características cristãs esta teimosia, esta insistência inflexível em favor de uma vida digna de ser vivida? O próprio Jesus, o Jesus dos Evangelhos, também permite que se o aborde dessa maneira. Tomemos a história da mulher cananéia que quer que sua filha seja curada por Jesus. Ela faz uma porção de coisas que uma pessoa de respeito naquele tempo não faria: ela aborda Jesus na via pública, ela o incomoda, correndo aos brados atrás dele. E, quando os discípulos já começam a ficar impacientes, ela ainda abraça os pés de Jesus, de modo que o impede de prosseguir em sua caminhada. Tudo isso não adianta, ela é rechaçada porque é pagã. Jesus diz a ela: "Não posso tirar o pão das crianças e jogá-lo aos cães." Ah, sim, ela é um cachorro, assim falavam os judeus. Prontamente e resolutamente ela continua, dizendo: "às vezes caem migalhas da mesa das crianças, estas são comidas pelos cachorrinhos; dá-me uma tal migalha!" E Jesus diz: "Oh, mulher, tua fé é grande". Então ele a ajuda. (Não me venha ninguém dizer que esta história tenha um significado completamente diferente, que ela tenha seu lugar vivencial nas lutas internas da jovem cristandade e que queira justificar a admissão de cristãos não judeus na comunidade. Nada tenho contra essa hipótese. Contudo, se a comunidade justificou sua prática com tal história, ela está evidenciando que tinha uma imagem do ser cristão diversa da nossa. A fé dessa pagã não se evidenciou na submissão, na resignação e no seu caráter inofensivo, mas justamente no contrário).

Lutero gostava muito desta história e pregou diversas vezes sobre ela. Ele também evidencia como esta perseverança no pedir é fé: aquele que resigna, por mais piedoso que seja, não crê verdadeiramente na graça. A fé ouve, por detrás do não que Jesus inicialmente profere, aquele sim profundo e abscôndito — é o sim ao ser humano, à vida, ao amor desta pobre mulher para com sua filha.

"Deus é um Deus de vivos e não de mortos", assim lemos na escritura. Gostaríamos de acrescentar: também não de semi-mortos que por causa de sua pretensa piedade já nem mais ousam exigir

uma vida autêntica da parte de Deus. Lembremo-nos dos lamentos dos salmos ou de Jó que agradou a Deus...

Sim, eles agradam a Deus, estes que pedem descaradamente. Isto é o decisivo na Bíblia. Aqueles que protestam, aqueles que querem ter vida, para si e para aqueles a quem amam, estes são os homens de Deus. Os amigos piedosos de Jó que empregando toda a sua formação dogmática, lhe querem evidenciar que deve se conformar, estes recebem, no final, uma repreensão bastante séria da parte de Deus.

Resignação parece ser o contrário de fé. Nossa concepção tão piedosa do ser humano parece estar carecendo de uma revolução.

Há mais uma coisa. Devemos observar a própria oração de Jesus. Será que em Getsêmani, quando ele ora a Deus, será que ali ele não diz algo completamente diferente daquilo que ouvimos em todas estas histórias? Não se deduz de suas palavras toda aquela sujeição que nenhuma outra pessoa conseguiu apresentar a Deus: "Pai, não a minha vontade, mas a tua seja feita"?

Creio que devemos recordar aqui aquilo que expus em minha primeira conferência, a saber, aquilo que nos ensinaram os hinos de confiança de nosso hinário. Há uma confiança ativa e uma confiança passiva. Confiança ativa é aquela confiança do ser humano que age, que luta e que, nesse processo, chega ao limite, onde ele não pode fazer mais nada. A poesia de Bonhoeffer serviu-nos de exemplo. A confiança passiva deixa tudo andar de acordo com o destino. A oração de Jesus em Getsêmani, é, a meu ver, o protótipo de uma confiança ativa. Trata-se da questão dos meios que são necessários para que possa cumprir a sua obra com sucesso. Por isso ele ora: "Meu pai, se for possível, faze com que este cálice passe". Este "possível" significa: Tem que ser assim? Não há nenhum outro meio? — Temos que ouvir a profunda objetividade que se encontra neste pedido; há uma obra a ser feita e a questão é: o que tem que ser feito para que ela se cumpra. Quando se torna claro que o cálice deve ser tomado, Jesus vai de encontro às forças policiais.

Comparemos isto com uma manifestação quase que idêntica, mas em verdade bem diferente, do sacerdote Eli, o mestre de Samuel. Quando ele ouve que seus filhos devem morrer porque Deus os quer castigar, ele responde: "É o Senhor, faça o que lhe apraz". Estas palavras soam semelhantes às palavras de Jesus em Getsêmani. Contudo, temos aqui algo completamente diferente. Eli abandona seus filhos. É diferente de Abraão e Moisés. É como se ele dissesse: Cumpra-se o destino. E, isso acontece: Eli e seus filhos perecem.

A oração de Jesus não é o exemplo de uma sujeição passiva,

mas de uma participação com Deus em sua obra. O que para ela é necessário, isso é feito. O preço elevado requer o diálogo em que é perguntado, se isso é realmente necessário. Este diálogo é travado com a simplicidade de uma seriedade real.

Temos que interromper aqui. Mas, não paramos por aqui. A libertação da Bíblia para o seu sentido vivo e criador de vida faz parte de nossa tarefa teológica. Isso só será possível se continuarmos a escrever a Bíblia: novos capítulos da ação, do insistir, do amor político ao próximo no mundo. É a tarefa dada ao nosso século. As experiências que aí coletarmos, nos ensinarão a compreender o que realmente significa: fé, como a Bíblia a compreende.